

... Cadernos :: edição: 2006 - Nº 28 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo

Deficiência mental e autonomia: análise do discurso de jovens em um grupo de teatro

Camila Mugnai Vieira*
Mariana Prioli Cordeiro**
Renata de Souza Scoptoni***
Solange Leme Ferreira****

O presente estudo foi realizado junto ao Grupo de Teatro para Atores Especiais (G.T.P.A.Ê.), um projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O estudo teve como principal objetivo compreender os aspectos sociais, cognitivos e afetivos de pessoas com deficiência mental por meio da análise da estrutura e conteúdo de seu discurso. Procurou-se também verificar a eficácia do projeto na promoção de inclusão social e desenvolvimento de habilidades e autonomia dos membros do grupo. Participaram do estudo nove jovens com deficiência mental. Sete estagiários do curso de psicologia registraram durante os laboratórios de teatro as "verbalizações de destaque" dos participantes, ou seja, aquelas que expressavam habilidades e limitações, sentimentos positivos e negativos, auto-percepção e observações do meio. As falas foram transcritas literalmente, assim como o contexto no qual ocorreram; foram organizadas em categorias e analisadas. Para a análise geral, foi criado um roteiro contendo os seguintes aspectos: complexidade das falas; organização cognitiva; qualidade do conteúdo e autonomia das falas. De um modo geral, os participantes apresentaram falas coerentes, com estruturas e conteúdos diversos, que indicaram ampliação da autonomia e complexidade, o que apontou para contribuições da intervenção. Através deste estudo foi possível compreender melhor cada participante mediante seu discurso sobre si mesmo e sobre o mundo; bem como sugerir e direcionar mudanças referentes às necessidades a serem trabalhadas tanto no plano individual como no grupal. Nossa sociedade necessita de estudos que se preocupem com a construção da criticidade e autonomia de pessoas com deficiência mental.

Palavras-chave: Deficiência Mental. Análise de Discurso. Teatro.

* Mestranda em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos.

** Mestranda em Psicologia Social pela PUC/SP.

*** Universidade Estadual de Londrina - Psicologia.

**** Docente do Dept. de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina.

Introdução

Este artigo apresenta um estudo realizado no contexto de um projeto de extensão à comunidade, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), denominado Grupo de Teatro para Atores Especiais (G.T.P.A.Ê.)¹. Este grupo foi criado em 1997, em parceria com a Associação de Pais e Amigos do Excepcional (APAE) de Londrina, e posteriormente com a Secretaria da Educação e a Associação do Comércio e Indústria de Londrina. Entre os principais objetivos do projeto estão: possibilitar o desenvolvimento de habilidades pessoais e sociais de pessoas com deficiência mental² e informar a sociedade sobre suas potencialidades e limitações, visando sua inclusão social (FERREIRA, 2002).

No período do estudo o grupo contava com a participação de nove jovens, cinco homens e quatro mulheres, de vinte a trinta e dois anos de idade, todos com deficiência mental. O trabalho se realizou em "laboratórios" semanais, com três horas de duração, onde se buscou, através do teatro, atingir os objetivos propostos. Eram desenvolvidas atividades, dinâmicas e discussões diversas com os participantes; eles criavam um texto cênico, seus personagens, com roteiros que muitas vezes expressavam conflitos sociais, familiares ou pessoais, conhecidos e vivenciados por eles; ensaiavam e preparavam-se para as apresentações. Estas eram realizadas em ambientes diversos, como escolas, congressos científicos, eventos culturais e empresas, em Londrina e outras cidades. Após as apresentações, eram realizados debates livres dos participantes com o público, ocasião em que eles falavam de suas vidas e do trabalho no grupo. O projeto também realizava "inserções sociais noturnas" dos participantes, por meio de passeios em boates e bares da cidade. Outra atividade desenvolvida eram as reuniões com os pais, para orientações e realização de algumas tarefas, junto aos participantes.

As estratégias utilizadas no G.T.P.A.Ê. baseiam-se na utilização do teatro como instrumento de desenvolvimento pessoal e inclusão social. Segundo Boal (1996), a atividade teatral representa a capacidade humana de auto-observar-se em atividades variadas, possibilitando ao sujeito imaginar e vivenciar alternativas variadas de seu agir. Para Boal (1996, p. 29): "a atividade teatral pode ser um

avaliação da efetividade do trabalho em atingir os objetivos de inclusão social, desenvolvimento de habilidades e autonomia dos participantes com deficiência mental para que assim, pudessem ser promovidas melhorias nos procedimentos adotados pela coordenação do projeto.

Exemplos destes estudos foram os questionários respondidos pelos funcionários das empresas espectadoras das apresentações do G.T.P.A.Ê. e as redações escritas pelos alunos de quarta série das escolas regulares da rede municipal de ensino, após assistirem à peça, cujas informações foram organizadas e analisadas para se compreender os impactos do trabalho do grupo na sociedade. O estudo apresentado nesse artigo refere-se à análise do discurso dos próprios participantes sobre si e o mundo.

O estudo de Nunes; Ferreira e Mendes (2003) referente às produções em Educação Especial, na forma de teses e dissertações, demonstrou que ainda são raras as pesquisas que se preocupam em escutar o próprio deficiente e não apenas profissionais e familiares. A visão do deficiente sobre o mundo e si próprio não costuma ser levada em conta pela sociedade em geral, inclusive nos processos educacionais. As pesquisas realizadas sobre sua auto-percepção indicam que há poucas oportunidades para que se expressem, o que prejudica seu auto-conhecimento e construção de uma identidade autônoma, que devem ser objetivos dos trabalhos na área.

Na maioria das pesquisas de auto-percepção, as falas das pessoas com deficiência evidenciam, em grande parte, os estigmas vivenciados por eles e uma aceitação dos rótulos de incapacidade impostos pela comunidade social (GLAT, 1989; SARAIVA, 1993).

Isso ocorre especialmente pelo estereótipo de deficiência construído socialmente, que coloca o deficiente como sendo incapaz de falar, ter opiniões, expressar sentimentos e tomar decisões. No caso da deficiência mental, esse quadro agrava-se ainda mais, uma vez que se entende que todos deficientes mentais formam uma categoria homogênea, sendo todos incapazes de realizar qualquer atividade de modo independente (GLAT e FREITAS, 1996).

Contrariando esse entendimento, vários trabalhos que deram voz aos indivíduos com deficiência, permitiram constatar uma capacidade de reflexão, sensibilidade, criatividade, autonomia e percepção de sua vida (CÁRDIA, 1992; KOHATSU, 1999). Esses resultados indicam a possibilidade e necessidade de o deficiente falar de si, expressar suas necessidades, opiniões e sentimentos e, assim, transformar a realidade à sua volta.

A crença na incapacidade dos deficientes ainda é evidenciada em muitos trabalhos na própria área de Educação Especial. Mas, isso vem sendo transformado, especialmente nas últimas décadas, quando a deficiência passou a ser vista como um fenômeno socialmente construído. Tal enfoque considera que o contexto e a comunidade são essenciais tanto na construção da deficiência e do preconceito, como para a possibilidade de transformações sociais e a construção de uma sociedade inclusiva. O deficiente passou a ser visto como um sujeito, que se relaciona com seu meio e que tem sua subjetividade e vida construídas nessas relações (AMARAL, 1994; OMOTE, 1994). A partir do momento em que a deficiência passou a ser vista como socialmente construída, ampliaram-se as possibilidades de desconstrução do fenômeno da exclusão.

A inclusão social deve ser um processo que envolva a todos, de diferentes áreas do conhecimento e segmentos da sociedade. É essencial que a base dessa proposta esteja na singularidade humana, sejam os indivíduos deficientes ou não. Assim, os deficientes devem ter um papel ativo nesse processo.

Para tanto, deve ocorrer, como diz Biancheti (2002, p. 8), uma "ressignificação dos olhares", ou seja, devem mudar as atitudes frente à diversidade, devendo essa ser entendida como possibilidade valiosa de aprendizado nas relações humanas. Segundo o autor, um início para esse processo pode ser a reflexão a partir do "lugar do outro", do deficiente, no caso, que geralmente é o objeto de olhar e não o sujeito.

O fundamental na transformação desse olhar é que o deficiente deixe de ser visto como passivo ou paciente, devido às suas diferenças e deixe de ser considerado totalmente incapaz ou igual a outros deficientes, devido a algumas semelhanças. Deve-se compreender que os deficientes também têm o direito e condições de serem sujeitos de sua vida e que cada deficiente é um indivíduo único, com idéias e sentimentos próprios.

Portanto, deve-se buscar sempre ouvir aqueles que terão suas vidas afetadas pelas ações profissionais e pela proposta de inclusão. Embora os estudiosos possam oferecer ao deficiente conscientização de sua condição psicossocial e instrumentação para que busquem, por si mesmos, melhores condições de vida, os profissionais não podem, sozinhos, determinar quais são essas condições de vida, ou mesmo quais os melhores caminhos para atingi-las, pois efetivamente não serão eles que quebrarão as barreiras e que viverão essas vidas (GLAT, 1995; 1997).

superação dos nossos limites” (FERREIRA, 2002).

Uma destas documentações é relatada neste artigo e refere-se às verbalizações de destaque³ dos participantes do G.T.P.A.Ê., coletadas em diferentes ocasiões, tais como, laboratórios de teatro, apresentações, debates com a platéia, viagens de trabalho e lazer e atividades de inclusão social noturna. O estudo teve como objetivo conhecer melhor os adolescentes, jovens e adultos com deficiência mental, por meio da análise da estrutura e conteúdo de seu discurso, referentes aos aspectos de socialização, cognição e afetividade.

Coleta e análise dos dados

As verbalizações dos participantes, consideradas de destaque, que ocorriam nas diferentes ocasiões anteriormente citadas, eram registradas num protocolo que previa a anotação da fala como ocorrera, o contexto em que fora emitida e uma prévia análise da mesma. Posteriormente, o conteúdo assim anotado era discutido no grupo de supervisão, para que as análises fossem enriquecidas e, então, reformuladas.

Cada um dos sete estagiários, do quinto ano de Psicologia responsabilizou-se pela observação, registro e análise das verbalizações de um participante, mais de uma jovem que não se expressava oralmente, apenas por sinais e mímicas faciais e de um rapaz que acabara de entrar no grupo. A coleta de dados realizou-se nos anos de 2002 e 2003.

As verbalizações eram registradas segundo onze categorias de análise (Quadro 1), propostas pela coordenadora do projeto G.T.P.A.Ê., Solange Leme Ferreira (CARVALHO et al., 2003). Complementando este registro, também eram anotadas as freqüências com que as verbalizações ocorriam nas diferentes categorias previstas.

Para que fosse possível melhor compreender cada participante em sua singularidade cognitiva, afetiva e social, as ocorrências e as freqüências das verbalizações foram registradas e em seguida analisadas segundo um roteiro com quatro aspectos norteadores (Quadro 2), também elaborado pela coordenadora e supervisora do projeto, anteriormente citada (CARVALHO et al., 2003). Para a formulação de tal roteiro, ela baseou-se num estudo de Manzini e Simão (2001), que entrevistou quatro jovens com deficiência mental, a fim de identificar formas de raciocínios dessa população, demonstrando raciocínios característicos de um pensamento formal e não apenas verbalizações indicadoras de operações concretas.

Quadro 1: Categorias de análise do discurso dos participantes com deficiência mental

xxxxxxx

Quadro 2: Roteiro para análise do discurso dos participantes com deficiência mental

xxxxxx

Resultados e discussão

Em geral, os participantes do G.T.P.A.Ê. faziam uso de diferentes tipos de frases, o que revela a complexidade de seu discurso. As afirmativas são bastante utilizadas para descrever fatos, passar informações, emitir opiniões e ajudar os colegas na resolução de problemas. Alguns participantes freqüentemente auxiliavam a equipe coordenadora através de sugestões referentes ao texto cênico ou mesmo ao comportamento dos colegas, o que indica criticidade, atenção, maturidade social, e auto-estima bem desenvolvida.

As frases interrogativas eram utilizadas a fim de esclarecer dúvidas, pedir ajuda ou formular hipóteses sobre acontecimentos futuros, como pôde ser observado quando um dos jovens imaginou o provável encontro de uma de suas colegas com o antigo namorado e disse: “Como será quando ele der de cara com ela?”. A habilidade de formular hipóteses sobre eventos prováveis é muito funcional para o indivíduo, pois ele tem a possibilidade de se preparar para situações ainda não vivenciadas, construir mentalmente alternativas de ações possíveis, bem como refletir sobre os benefícios e prejuízos das possibilidades. Além disso, a formulação de hipóteses indica raciocínio lógico e abstrato, bem como pensamentos formais, mais complexos dos que os baseados apenas em conteúdos concretos.

As frases comparativas eram utilizadas a fim de analisar pessoas, o que evidencia atenção e habilidade de observação. Também eram comuns as comparações de situações passadas com as atuais, como pode ser visto na verbalização de Maria⁴: “O teatro mudou tudo em minha vida. Antes eu era uma pessoa teimosa, mais ciumenta e ficava de cara fechada”. Através desta fala, a participante revelou, também, capacidade de memorizar, analisar e identificar quais os fatores que influenciaram suas

t f ã

outros participantes necessitavam de solicitação da equipe coordenadora para indicarem seus julgamentos.

Apesar de estes jovens ainda demonstrarem certa dificuldade em expressar suas avaliações de forma independente, pôde-se perceber uma significativa melhora neste sentido, se comparada com verbalizações registradas em outras fases do projeto, o que, provavelmente, é resultado da participação destes no trabalho realizado nos vários anos de laboratório de teatro.

Esses laboratórios semanais oferecem aos participantes um espaço para que possam exprimir seus desejos e opiniões, lhes permitindo saber que ao fazer suas críticas e avaliações serão ouvidos e respeitados. Neste sentido, pode-se dizer que o teatro é um importante instrumento político e de promoção de cidadania. Político, pois dá aos jovens a oportunidade de expressarem suas opiniões, contribuindo, assim, para a transformação da realidade de exclusão social dos deficientes historicamente construída, e de promoção de cidadania, pois:

[...] uma pessoa que desenvolva caminhos próprios de expressão, a partir do conhecimento de materiais, técnicas, conceitos nas diversas produções artísticas, é capaz de participar de modo mais efetivo do seu contexto sociocultural, contribuindo produtivamente e transformando o seu desenvolvimento em processo contínuo de aprendizagens e de reconstrução de seus modos de expressão. E isso é exercer cidadania, por que é aí afirmada sua marca pessoal, de indivíduo presente na contextualização da sociedade em que vive. (MARTINS, 2000, p. 14)

Um outro aspecto bastante trabalhado nos laboratórios e que provavelmente influenciou o aumento de verbalizações avaliativas por parte destes participantes é a auto-estima. Segundo Douglas (1996), o conceito de auto-estima está relacionado ao conjunto de crenças que um indivíduo forma sobre si mesmo e aceita como verdade, mesmo que assim não seja, sendo que estas crenças são formadas a partir das experiências vividas durante a história de vida do indivíduo.

Percebe-se que auto-estima de um indivíduo é fortemente influenciada pelas suas relações sociais e, dado que as pessoas com deficiência são alvo de estigmas e preconceitos que a sociedade lhes impõe, muitas vezes elas acabam desenvolvendo uma "baixa" auto-estima (CUNHA et al., 1999). Estudos indicam a importância do desenvolvimento de habilidades sociais variadas, entre elas as comunicativas, para facilitar as relações interpessoais de indivíduos com deficiência (LEE, YOO e BAK, 2003; NABORS, 1997).

O trabalho desenvolvido nos laboratórios de teatro do G.T.P.A.É tem se mostrado eficaz em mudar esta condição, pois proporciona oportunidades para que os participantes e a sociedade em geral, percebam que apesar de suas limitações, eles possuem inúmeras habilidades. Segundo Moysés (2001), experiências sistemáticas de sucesso, ou seja, as oportunidades de expressar a aquisição de novas habilidades em situações planejadas previamente, como apresentações públicas, por exemplo, podem melhorar o auto-conceito e ampliar a auto-estima, sendo essas experiências generalizadas para outros contextos.

Este fortalecimento de sua auto-estima pôde ser claramente percebido nas análises das verbalizações, quando foi possível observar uma melhora não só quantitativa, mas, principalmente, qualitativa no discurso destes jovens. Um dos fatores que pode explicar esta mudança é o fato de que uma pessoa que gosta mais de si, tem mais auto-confiança e sabe que pode exprimir sua opinião e ser respeitada. E a partir do momento em que esta pessoa se expressa e é respeitada, aumenta ainda mais sua auto-estima, o que, por sua vez, faz com que fique mais estimulada a expressar-se novamente em situações futuras, e assim por diante. As verbalizações abaixo exemplificam o desenvolvimento da auto-estima em alguns membros do grupo:

"Sou trabalhador, sou caprichoso." – Lincon, falando sobre suas características pessoais.

"Mudou muita coisa. Antes eu só queria ficar escondida. Hoje eu adoro ver e falar com as pessoas." – Letícia; parte da resposta à pergunta em entrevista para um programa na Rádio Universidade da UEL sobre o projeto: "O que mudou na sua vida com o GTPAÉ?"

"Eles ficaram todos de "queixo caído!" – Maria, comentando a reação do público ao ver apresentação do GTPAÉ.

Em geral, o discurso dos participantes foi coerente com o contexto, conseguindo arranjar suas idéias em seqüência apropriada, além de fazer uso das informações disponíveis na memória. Um dos jovens apresentou certa dificuldade de memorização, o que mostrou acentuar-se com o passar do tempo. Esta dificuldade tem se revelado pelo aumento na freqüência das interrupções de sua fala e nos longos intervalos de silêncio entre as suas palavras ou frases. Em alguns momentos, ele demonstrou dificuldade em concluir seu pensamento, dando a impressão de esquecer-se do que queria dizer. Às

A maioria dos participantes conseguiu distinguir, de forma bastante evidente, o contexto real de um contexto de fantasia, sendo que eles falavam de fatos fantasiosos apenas na tentativa de promover comicidade ou como exercício da criatividade, porém, alguns participantes ainda apresentaram certa dificuldade em fazer esta distinção, pois continuavam criando amigos imaginários e situações fantasiosas. Quando o restante do grupo percebia que isto estava ocorrendo, procurava ajudar os colegas, apontando-lhes a confusão, como pode ser visto quando Maria disse: "ela perdeu a noção da realidade", referindo-se à colega que havia feito um comentário não pertinente à situação.

Em geral, todos os participantes mostraram-se atentos ao mundo à sua volta. O conteúdo do discurso do grupo demonstrou funcionalidade e esteve relacionado ao contexto no qual os jovens estavam inseridos, como pode ser percebido quando eles improvisavam falas durante os ensaios do texto cênico. Um exemplo de uma improvisação bastante pertinente foi quando Lincon, ao ser questionado durante uma representação sobre o motivo pelo qual seu personagem não conseguia arrumar um emprego, verbalizou: "Meu chefe disse que eu sou burro". Nesta fala, o participante não só expressou capacidade de improvisar, como também demonstrou ter consciência do preconceito sofrido pelas pessoas com deficiência mental em nossa sociedade, com relação a fazer parte do mundo do trabalho.

O preconceito, aliado à falta de informação, muitas vezes acaba por impor outras limitações, além das já impostas pela própria deficiência, como se as incapacidades do deficiente mental se estendessem a todas as áreas de sua vida e não somente às limitações causadas pelas condições orgânicas comprometidas. Omote (1999) aponta que apesar de as incapacidades geradas por condições orgânicas limitarem o funcionamento do indivíduo, são as conseqüências sociais que as levam ao descrédito. Assim, as pessoas com deficiência podem ser estigmatizadas em níveis variados não necessariamente em função do grau de seu comprometimento, mas pela interpretação que a sociedade faz deste. Segundo Omote (1994, p. 68),

[...] a deficiência não é algo que emerge como o nascimento de alguém ou com a enfermidade que alguém contrai, mas é produzida e mantida por um grupo social na medida em que interpreta e trata como desvantagens certas diferenças apresentadas por determinadas pessoas. Assim, as deficiências devem, ao nosso ver, ser encaradas também como decorrentes dos modos de funcionamento do próprio grupo social e não apenas como atributos inerentes às pessoas identificadas como deficientes.

Assim, ressalta-se novamente que para se efetivar a inclusão social, devem ser feitos trabalhos constantes tanto com as pessoas com deficiência quanto com a sociedade como um todo.

Conclusões

Em geral, todos os participantes do G.T.P.A.Ê. manifestaram suas opiniões, suas críticas e seus desejos de forma autônoma. Até mesmo aqueles que necessitavam de um mediador para estimular suas verbalizações expressaram-se com mais autonomia, talvez como resultado do trabalho realizado nos laboratórios semanais de teatro, pois segundo Ferreira (2002, p. 20), "A valorização da criatividade e dos conteúdos individuais faz com que os participantes se tornem porta-vozes de suas vontades e construtores de uma realidade mais condizente com suas expectativas".

Assim, a deficiência deve ser compreendida como uma possibilidade na imensa pluralidade humana e, como aponta Marques (1997), devem ser criados espaços para que os deficientes também se tornem membros ativos na cultura, capazes de pensar, desejar, opinar e também lutar pela sua inclusão social.

Mediante o estudo do discurso dos participantes do G.T.P.A.Ê., parece possível afirmar que os laboratórios semanais de teatro, enquanto espaço para a manifestação verbal de emoções, indagações e criatividade, podem contribuir para a expressão da singularidade e competência da pessoa com deficiência mental. Além disso, seu discurso pode tornar-se instrumento eficaz de participação ativa como auto-defensores de sua condição de ser especial, sim, mas também de ser social e cidadão.

O trabalho investigado apresenta em seu relatório final a relevância de intervenções que se articulam com pesquisas, para a constante produção de conhecimento científico e aprimoramento dos serviços oferecidos pela Universidade, na construção de novos caminhos em busca de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

Referências

- AMARAL, L. A. Pensar a diferença/deficiência. Brasília: Coordenadoria Nacional para integração da pessoa portadora de deficiência, 1994.
- AMARAL, L. Deficiência: questões conceituais e alguns de seus desdobramentos. Cadernos de Psicologia, n 1 p 3 12 1996

- CARDIA, M. H. C. O deficiente mental na entrevista sobre o processo de profissionalização. 1992. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1992.
- CARVALHO, C. S. M. et al. G.T.P.A.É nas empresas: relatório de estágio supervisionado em Psicologia Escolar. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- CUNHA, J. L. et al. Processo de construção da auto-estima e da identidade de pessoas portadoras de paralisia cerebral. Cadernos de Educação Especial. n. 14, p. 71-78, 1999.
- DOUGLAS, M. R. Como vencer com a auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FERREIRA, S. L. Teatro e deficiência mental: a arte na superação de nossos limites. São Paulo: Memnon, 2002.
- GLAT, R. Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental. Rio de Janeiro: Agir, 1989.
- _____. A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995.
- _____. Um novo olhar sobre a integração do deficiente. In: MANTOAN, M. T. E. et. al. (Orgs.). A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, 1997. p. 196-201.
- GLAT, R.; FREITAS, R. C. de. Sexualidade e deficiência mental: pesquisando, refletindo e debatendo sobre o tema. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- KOHATSU, L. N. Estudo sobre a expressão de alunos e ex-alunos de uma escola especial através da fotografia. 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- LEE, S.; YOO, S.; BACK, S. Characteristics of friendship between children with and without mild disabilities. Education and Training in Developmental Disabilities. v. 38, n. 2, p. 157-166, 2003.
- MARQUES, C. A. Integração: uma via de mão dupla na cultura e na sociedade. In: MANTOAN, M. T. E. et al. A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo: Memnon, 1997. p. 18-23.
- MANZINI, E. J.; SIMÃO, L. M. Formas de raciocínios apresentadas por adolescentes deficientes mentais: um estudo por meio de interações verbais. In: MANZINI, E. J. (Org). Linguagem, cognição e ensino do aluno com deficiência. Marília: Unesp, 2001. p. 55-87.
- MARTINS, A. F. A arte no contexto escolar: um espaço de exercício da cidadania e, nela, de alteridade. Revista Integração. p. 12-15, 2000.
- MOYSÉS, L. A auto-estima se constrói passo a passo. Campinas, SP: Papirus, 2001.
- NABORS, L. Playmate preferences of children who are typically developing for their classmates with special needs. Mental Retardation. v. 35, n. 2, p. 107-113, 1997.
- NUNES, L. R. O. P.; FERREIRA, J. R.; MENDES, E. G. Teses e dissertações sobre Educação Especial: os temas mais investigados. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs). Colóquios de pesquisa em Educação Especial. Londrina: UEL, 2003.
- OMOTE, S. Deficiência e não deficiência: recortes do mesmo tecido. Revista Brasileira de Educação Especial. v. 2, n.1, p. 65-74, 1994.
- _____. Deficiência: da diferença ao desvio. In: MANZINI, E.J.; BRANCATTI, P.R. (Orgs.). Educação Especial e estigma: corporeidade, sexualidade e expressão artística. Marília: UNESP, 1999. p. 3-21.
- SARAIVA, A. M. A pessoa portadora de deficiência mental e as representações de si mesmo: um estudo de caso. 1993. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1993.

otas

- 1 Sempre que a sigla G.T.P.A.É. for citada, refere-se ao Grupo de Teatro para Atores Especiais.
- 2 Ao longo do texto é utilizada a expressão "pessoa ou indivíduo com deficiência", de acordo com as proposições de Amaral (1996). Segundo a autora, essa terminologia acentua o caráter dinâmico e social da deficiência, desloca o eixo do atributo do indivíduo para sua condição e também destaca o "sujeito da frase", não colocando a pessoa como sinônimo da deficiência, ressaltando a unicidade do sujeito e sendo mais descritiva que valorativa.
- 3 Trata-se de uma análise do discurso dos participantes. Em alguns momentos é utilizado o termo "verbalização" para designar discursos específicos. Considerou-se "verbalizações de destaque" aquelas que expressavam habilidades, limitações e sentimentos dos participantes, bem como, auto-percepção e observações do meio, que possibilitassem um melhor conhecimento desses sujeitos, por meio do discurso de si próprio e do mundo à sua volta.
- 4 Os nomes dos participantes são fictícios.

Correspondência

Camila Magnai Vieira - Rua Coronel Siqueira Reis, n. 45, Jardim Estoril, 17514-320, Marília, São Paulo.
E-mai: camilamagnai@gmail.com.br

Recebido em 12 de dezembro de 2005

